

O Porquê da Existência do *Khatchkar* (Cruz de Pedra)

Lusine Yeghiazaryan*

Resumo: O artigo apresenta as razões e o panorama histórico do surgimento de uma das expressões mais específicas da arte nacional armênia – *khatchkar* (cruz de pedra), sua evolução da época pagã até os dias de hoje.

Palavras-chave: *Khatchkar*, Cruz de Pedra, Armênia, Cristianismo, monumentos históricos, Idade Média.

FASE INICIAL

Com seu estilo totalmente peculiar quanto ao aspecto de relevo decorativo, os *khatchkars* ou *cruzes de pedra* são monumentos da arte nacional armênia, sem análogo no mundo.

A sua arte, com base nas antiqüíssimas tradições da Armênia, tem percorrido um longo caminho de estruturação e desenvolvimento até alcançar o seu ápice, entre os séculos X e XIV, na assim denominada Idade Média “florescente”, manifestando-se em formas vastas e ricas.

Tal como na extensão do território histórico do planalto armênio, também na Armênia atual ainda existem diversos monumentos de épocas primitivas, “menhirs”, que representam a idolatria e a adoração. Entre esses, encontram-se os volumosos monumentos conhecidos como “Vichaps”, ou dragões, situados nas encostas das montanhas de Guegham e Aragatz; eles absorvem diferentes vestígios ideários na forma de esculturas, com o aspecto de um grande peixe, que tem uma ligação direta com a deusa da água (e fertilidade) Asdghik, amplamente difundida entre os antigos armênios e adorada por eles.

Se considerarmos que tais monumentos não têm vínculo direto com os *khatchkars*, devemos salientar que, os monumentos urartianos (séculos VIII-VII a.C.),

* A autora é Auxiliar de Ensino do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

compostos de uma plataforma básica sobre a qual se elevam colunas verticais quadrilaterais, com inscrições cuneiformes, podem ser vistos como exemplares primitivos do binômio volume/dimensão relacionado com a criação dos *khatchkars*. Monumentos semelhantes, porém sem registros cuneiformes e com parâmetros forma/volume variados, também se apresentam no período pré-cristão armênio. As fontes históricas mencionam a existência de semelhantes monumentos erguidos em cidades da Armênia, na era pagã, e nas estradas que as ligavam.

Em recentes escavações realizadas no território da Armênia atual, foram encontradas estelas quadrangulares com registros que datam do primeiro período da dinastia Artássita. Essas esculturas são formadas com o mesmo princípio com o qual mais tarde seriam erguidas as cruzes de pedra, isto é, havia a base de pedra retangular no sentido horizontal, e nesta se cavava um buraco, a partir do qual se erguia a pedra quadrangular com inscrições (mais tarde cruzes decorativas) que permaneceriam para os anais da história através dos séculos.

Em seu livro *A História dos Armênios*, o notável historiador do século V, Agatângelo (Agatangueghós), ao descrever os tempestuosos anos da penetração do cristianismo na Armênia, revela que Gregório, o Iluminador, em suas andanças pelo país com seus discípulos, pregando a nova doutrina, fixava cruzes nos altares ou lugares de sacrifícios pagãos, assim como em locais onde deveriam ser erguidas igrejas da nova fé. O Iluminador as estabeleceu principalmente na capital, Vagharchapat (Etchmiadzin), no local onde foram martirizadas as Virgens Hrispimianas. Havia, ainda, cruzes em estradas, ruas, praças, na ilha do lago Sevan, em Sanahin, e também nas regiões ao sul da Geórgia.

Porém, visto que as cruzes de madeira dessa época poderiam deteriorar-se facilmente com o passar dos tempos – há depoimentos sobre essa particularidade por um outro historiador do século V, Fausto de Bizâncio – elas começaram a ser substituídas, gradativamente, pelos seus análogos de pedra sólida. Tal processo, cujos mais remotos depoimentos datam dos séculos IV a VII, foi plenamente representado durante escavações realizadas em Dvin, uma das capitais da Armênia histórica. Gerando de cruzes de madeira, as “cruzes com asas” serviram de base para a estruturação e desenvolvimento de uma nova arte armênia autêntica.

ORIGEM E SIGNIFICADO PRÁTICO DOS KHATCHKARS

Em conseqüência do enfraquecimento do califado árabe, a partir da segunda metade do século IX, o ressurgimento da autoridade política da Armênia, com a

estruturação dos reinos Bagrátidas de Ani, dos Ardzeruni em Vaspurakan e os reinos de Kars e Siunik, trouxe a elevação da cultura nacional.

A partir dos séculos IX e X, as principais cidades da Armênia vivem um grande florescimento, quando começa a fundação de muitos conventos, que se transformam em importantes centros da cultura espiritual. A arquitetura, as miniaturas, as esculturas alcançam níveis elevados, expressando um conteúdo tanto religioso-doutrinário como laico.

As cruzes de pedra mais antigas, conhecidas pela historiografia e arte da contemporaneidade, datam desse período. A cruz de pedra mais antiga de que se tem notícia é a da rainha Catranidé, esposa do rei Achot I Bagrátida, que foi erguida no ano de 879 em Garni, “pela intercessão” de sua pessoa junto a Deus. Esculturas semelhantes encontram-se também em localidades circunvizinhas a Garni. Essas são colunas de pedra sem encostos, firmadas diretamente no chão e desprovidas ainda de forma nítida, característica das clássicas cruzes de pedra.

Entre os séculos IV e VII, substituindo os monumentos pagãos, as cruzes de pedra serviam como símbolos abstratos da divindade cristã e lembravam aos homens, a cada passo, a sua condição de pertencerem ao mundo cristão. Entrementes, ao se transformarem gradualmente nos séculos IX-XIII, tal relevo passa a ter um ornamento em bordado sobre pedra nobre, em cujo centro se assenta a cruz decorativa.

Na Armênia da Idade Média, as cruzes de pedra possuíam um importante papel multifacial. Em seu trabalho específico, dedicado aos artesãos e escultores armênios daquela época e à continuidade e herança dessa arte, o historiador Sedrak Barkhudaryan¹ tem interpretado centenas dessas esculturas, as inscrições e assinaturas dos seus autores, observando que a maioria desses era, simultaneamente, escultor e desenhista de miniaturas. Assim, elas podem ser divididas em vários grupos, não só quanto ao seu período de criação e região geográfica, mas também quanto ao seu estilo artístico e aos mestres executores.

É interessante salientar que essas cruzes eram erguidas por diversos motivos, tais como para glorificar uma vitória militar ou eternizar fatos de grande significação histórica, ou registrar o término da construção de uma igreja, ponte, fonte etc. Também serviam como pontos divisórios ou limítrofes. Foram erguidas, ainda, por ocasião de reformas de igrejas, doadas ou ofertadas a conventos por benfeitores ou pessoas comuns, como donativos em prol da salvação da alma.

1. Sedrak Barkhudaryan, *Os Arquitetos e Mestres Escultores Medievais Armênios*, Yerevan, Editora da Academia de Ciências, 1963, em armênio, página 43.

Por outro lado, não se exclui a presença dos *khatchkars* como tumbas ou mausoléus. São muitas as que foram erguidas com essa finalidade. Parte integrante desses monumentos, elas freqüentemente completam as formas dessas obras. São belos exemplos de harmonia e estilo arquitetônico as erguidas com essa finalidade nos conventos de Sanahin (1184), Tsaghats (1041), e os mausoléus da região da aldeia de Koch (1175), os do convento de Haghbat (1211-1220) e outras obras de cunho espiritual.

Formam um grupo específico as cruzes de pedra dedicadas "ao todo Salvador", às quais o povo atribuiu a virtude de curar enfermidades, transformando essas localidades em santuários.

Por outro lado, os *khatchkars* são valiosos por suas inscrições de fatos que, por si sós, revelam dados históricos. Desse ângulo, também podem ser considerados como importantes documentos, alusivos à história do povo armênio.

As cruzes de pedra eram erguidas sobre plataformas de pedra regulares, e em casos distintos, diretamente nas rochas. É possível localizar tais esculturas dentro das igrejas ou suas respectivas naves (em Haghbat, Gueghardavank, Hovnanavank) ou firmadas nas paredes externas das igrejas e até colocadas perto das portas de entrada (conventos de Hagharten, Gueghardavank, Gochavank); ou em ambientes naturais (mosteiros ou cemitérios). Obras semelhantes eram erguidas em pilares, no chão ou em pedaços de rocha (em Masstara, Karaglugh, Gueghardavank, Arindch, Pedjni, Yeghvard etc.), isoladas ou em grupo.

A ARTE DAS CRUZES DE PEDRA, SEU DESENVOLVIMENTO E PRINCÍPIOS ARTÍSTICOS DE CONSTRUÇÃO

Em sua essência, as cruzes de pedra constituem uma espécie de monumento, um certo memorial que, tal como na Antigüidade, também hoje são vistos não apenas como símbolos de fé, mas principalmente como obras-primas de arte. Os cronistas referem-se a elas, e os melhores exemplares servem como modelo para os mestres, através das gerações. Eminentescultores de todos os tempos marcaram presença na criação desses monumentos.

Como trabalho autêntico, essa arte passou por fases progressivas de desenvolvimento e aperfeiçoamento. Se considerarmos que os séculos IV-VII constituem o início do progresso da idéia dos *khatchkars*, os séculos IX-XI transformam-se em épocas de criatividade de estilo, enquanto os séculos XII-XIII em períodos de aperfeiçoamento e pleno cultivo dessa arte.

O desenvolvimento e mudanças estilísticas observadas nessas cruzes caminham paralelamente com a arte e arquitetura medieval armênia, concentrando em si toda espécie de questões temáticas e ideológicas, com suas formas de manifestação concreta e de estilo próprio, atadas às circunstâncias do desenvolvimento histórico e peculiaridade individual dos mestres, moldadas conforme a manifestação artística específica de cada época.

A partir dos séculos X-XI, na arquitetura medieval armênia começa a progredir o princípio decorativo, que alcança o auge de sua manifestação entre os séculos XIII e XIV. Esse princípio, como parcela do significado da arte nacional, encontra sua irradiação primeiramente na arte das miniaturas armênicas, assim como na arte contemporânea dos *khatchkars*.

Não obstante a enorme diversificação estilística, vê-se a existência de um esquema idêntico na composição e construção dessa manifestação artística. Assumindo uma forma arquitetônica definitiva, independentemente de sua localização, as cruzes são estelas de pedra que atingem proporções bem volumosas, com uma altura que supera até duas vezes sua largura. A parte frontal, sempre dirigida para o ocidente, é totalmente esculpida, enquanto o lado oposto é liso ou coberto por alguma inscrição. Na face esculpida, ao centro da criação artística, encontra-se a cruz que, nascendo da semente ou do sol, às vezes se apresenta de forma aberta ou ramificada, outras vezes assume a aparência de um medalhão, ou, ainda, é quase imperceptível sobre a decoração bordada. Ao redor da cruz, a parte lisa restante é totalmente coberta por delicados e complexos ornamentos geométricos, que simbolizam, no caso de ornamentos de plantas intercaladas, a “Árvore da Vida”.

A parte frontal é circundada em moldura com rosáceas ou florões quadrados, estrelares ou multiangulares, tornando mais sólida a composição e ressaltando sua integridade estilística.

Como regra, em sua parte superior, ela é ornada por uma cobertura ou aba, sob a qual podem aparecer, às vezes, numa faixa larga, desenhos em esculturas temáticas, tais como o Todo-Poderoso no Trono, Maria, Mãe de Deus, cenas da Anunciação ou do Batismo de Cristo, imagens de anjos, apóstolos ou santos.

Esta descrição, enriquecida com novas revelações de ornamentos geométricos e de plantas, torna-se cânone para todos os tempos.

Conforme salienta o artista armênio Manuk Arakelyan, em seu trabalho *A Arte Decorativa Armênia da Idade Média*,

nos limites de tais esquemas canônicos, tornam-se possíveis quaisquer modificações e desvios. E deve sublinhar-se que nessas limitações, durante os mais de mil anos de existência dos *khatchkars*, os mestres aproveitaram e realizaram todas as probabilidades e variantes artísticas. Isso, além de não aprisioná-los, estimulou-lhes a imaginação, fazendo com que eles revelassem suas plenas capacidades criativas. Se é possível elogiar os poetas, ao se compararem seus sonetos, também é possível elogiar o potencial de criatividade dos escultores armênios da Idade Média, ao se compararem as cruzes de pedra por eles criadas?

O encanto das cruzes de pedra encontra-se na harmonia dos motivos ornamentais e suas proporções. O entrelaçamento, com o passar dos tempos, tomando porções diminutas e delicadas, alcança tal grau de perfeição que o ornamento esculpido na pedra, assemelhando-se em sua delicadeza a um trabalho de ourives ou a um bordado, não cria uma impressão densa. O sutil entrelaçamento de plantas, aprofundando-se no contexto da pedra num sucessivo contorno, não deturpa seu visual esplendoroso.

Pertencem a esse número de extraordinária classe de monumentos valiosos a cruz de pedra do Filho de Tuté (Tutevordi) no convento de Sanahin (1184), a “Bela Cruz” em D’segh, a cruz erguida pelo mestre Poghos em Gochavank (1291), a do mestre Momik em Naravank (1308) e outras.

É necessário falar, também, dos mestres que construíram esses magníficos e autênticos monumentos. Desses, lamentavelmente, poucos nomes têm-nos chegado. Somente a partir do século XII é que os nomes dos mestres criadores aparecem nas inscrições dos *khatchkars*. Dos renomados arquitetos, escultores e miniaturistas dos quais se tem notícia, podemos citar os nomes de Momik, Timot, Mekhitar e seu discípulo Avetis, Vahram, Poghos e outros.

Os nomes de outros centenas e milhares de artistas desaparecem na neblina dos séculos, deixando-nos, entrementes, nos pedaços de pedras espalhados pelo planalto armênio, os vestígios de seus dedos e espíritos talentosos, como lembranças pétreas de fé e inspiração.

PERÍODO FINAL

O processo normal de desenvolvimento das cruzes de pedra foi interrompido com as invasões dos seldjúcidas e mongóis. Não obstante essa circunstância, é nítido o entrelaçamento entre períodos distintos.

2. Manuk Arakelyan, *A Arte Decorativa Armênia na Idade Média*, Yerevan, 1978, p. 152.

Sobressai, também, o desenvolvimento ininterrupto dessa arte típica armênia, a manutenção e aperfeiçoamento do acentuado caráter nacional, cujos exemplos brilhantes manifestam-se nas criações dos séculos XII e XIII e parte do século XIV.

Nos séculos XVI e XVII, quando a Armênia se desmantela e se divide entre o Irã e a Turquia, o hábito de erguer esses monumentos registra um certo ânimo, apesar de não alcançar o padrão da Idade Média, quanto à qualidade artística. São muitos os que se referem a esse período. Na maior parte, eles constituem monumentos fúnebres, erguidos em cemitérios. Explica-se tal característica, visto que o povo armênio, ao perder sua autonomia estatal e política, vivendo uma densa época econômica, estava privado da possibilidade de realizar grandes iniciativas construtivas e de amplo significado nacional; logo, seus esforços limitar-se-iam à criação de pequenas formas arquitetônicas.

Eis a razão por que as gravuras e ornamentos dos *khatchkars* tornaram-se simples, perdendo sua forma delicada e complexa de outrora, os entrelaçamentos incomparavelmente ricos. É possível encontrar *khatchkars* com características semelhantes praticamente em todas as regiões da Armênia, principalmente nos cemitérios de Noraduz, Kamó (Nor Bayazet), Vardenis, Martuni e Velha Djughá. No primeiro e no último, o número de *khatchkars* alcança algumas centenas, até milhares. As cruzes de pedra do grande cemitério de Noraduz permitem ver as etapas de sua evolução, do século X até o século XVII. Essa série se completa com as obras do famoso mestre Kiram, as quais, de acordo com os registros mantidos, englobam os anos de 1551-1610.

A ornamentação dos *khatchkars* desse período, apesar do desenho claro e da simplicidade dos entrelaçados, torna-se monótono e esquemático, transmitindo frieza à criação total.

Como derradeiros exemplares da última etapa de desenvolvimento dos *khatchkars*, aparecem os do cemitério da Velha Djughá. As milhares de cruzes de pedra erguidas nos séculos XVI-XVIII ocupa um lugar próprio na história da arte da escultura armênia. No século XVI, Djughá era uma grande cidade densamente povoada e mantinha relações comerciais com o Ocidente e o Oriente (principalmente a Pérsia). Assim, ela transformar-se-ia num centro de fusão das culturas armênia e oriental (iraniana). É visível a influência da arte iraniana nas cruzes erguidas em Djughá. Como conseqüência dessa influência, transfiguram-se não só a ornamentação delas, mas também a forma e o volume, além do estilo e da criatividade. Assim, o *khatchkar* transforma-se numa coluna de pedra volumosa porém estreita. A cruz central é instalada num altar estreito com cume pontiagudo, carac-

terística da arquitetura oriental. A maestria de sua realização e a delicadeza do estilo, que são características peculiares a muitas cruzeiras de pedra de Djughá, lhes transmitem um encanto próprio, pois concluem a etapa histórica dessa autêntica periferia da cultura armênia.

PERÍODO ATUAL

Como consequência do Genocídio Armênio, perpetrado pelo governo turco em 1915, que ceifou a vida de mais de um milhão e meio de pessoas, enquanto outras centenas de milhares eram obrigadas a abandonar sua pátria, interrompe-se toda uma atividade cultural e espiritual de um povo, dentro da maior parte do território histórico da Armênia Ocidental.

Apesar de os armênios que se espalharam por diversos países (diáspora) terem conseguido reerguer rapidamente sua atividade habitual, pela sua experiência intelectual-genética e tradição espiritual, virtudes acumuladas com o decorrer dos séculos, registrando sua ativa presença nas elevadas esferas mundiais da arte e literatura, tal processo aconteceria em condições geo-históricas totalmente alheias, isto é, fora do território nacional.

Seria natural, portanto, que várias esferas rígidas da autêntica cultura nacional passassem por um retrocesso, entre as quais a cultura dos *khatchkars*.

No que tange à Armênia Oriental, que se encontrava sob tutela russa e constituía apenas a décima parte da Armênia histórica, ali foi proclamada, em 1918, a primeira República independente armênia, a qual, no entanto, em 1920, passaria, novamente, à dominação do grande vizinho do Norte, desta feita, a Rússia bolchevista, e, em 1922, com a estruturação da URSS, tornar-se-ia uma de suas 15 Repúblicas.

Mesmo com a existência de uma série de limitações políticas e fundamentalmente ideológicas, deve-se ressaltar que as autoridades soviéticas criaram condições favoráveis para o múltiplo desenvolvimento das ciências, da literatura e das artes dentro das nações federadas.

Nesse aspecto, salienta-se o inédito crescimento que a cultura e a ciência viveram em todas as suas dimensões. A única exceção relacionava-se com a esfera religiosa e espiritual (teologia, música, pintura e escultura, entre as quais a prática milenar da construção das cruzeiras de pedra) vista de forma primitiva, pelos dirigentes radicais do Estado, que haviam adotado princípios ateístas, não como a manifestação excepcional do pensamento artístico nacional, mas da fé em Deus.

Essa realidade mudou, efetivamente, a partir da década de 60, depois da assim chamada “diluição ideológica”. Entre as esferas acima citadas, a arte da cruz de pedra também viveu seu renascimento. Muitos escultores armênios eminentes começaram a dedicar uma parte importante de suas criações à escultura de cruzes de pedra.

Assim, começaram a surgir dezenas e centenas de monumentos criados com elevada e às vezes extraordinária força artística, muitos dos quais preparados com novas tendências de composição simbólica, os quais enfeitam, hoje, tanto os paços e áreas da Santa Sede de Etchmiadzin, das Igrejas de Yerevan Gyumri, Vanadzor e outras regiões, como logradouros e praças públicas. Os *khatchkars* começaram a obter ampla divulgação, principalmente como monumentos de túmulos.

Paralelamente a esses parâmetros temporais, e talvez até pouco antes, essa prática começou a se desenvolver também nas coletividades armênias da Diáspora. Os armênios, que haviam estruturado sua vida comunitária em alicerces sólidos, construindo e organizando igrejas, escolas e centros culturais em aproximadamente 50 países, começaram a reerguer suas tradições nacionais e valores culturais. Nestes, estava presente a arte das cruzes de pedra.

Construídas em diversos países, dezenas de igrejas armênias possuem cruzes de pedra nos seus arredores, erguidas de acordo com a tradição milenar, como veneração à indestrutível fé cristã de 1700 anos e como testemunho ao belo.

O monumento bordado de pedra saiu dos limites da Armênia e veio enriquecer o tesouro cultural criado por distintos povos do mundo. Hoje, é possível encontrar cruzes de pedra erguidas em períodos diferentes, em cidades como Cairo, Jerusalém, Beirute ou Alepo, Nova York, Los Angeles e Detroit, Paris e Marselha, Moscou, São Petersburgo e Rostov, Kiev, Krasnodar, Tbilíssi, e em todas as cidades ou regiões onde os armênios têm se enraizado.

No percurso de centenas de anos, os referidos monumentos foram erguidos como marcos de importantes acontecimentos, tal como fim da construção de uma igreja, uma doação, como testemunho pela salvação espiritual, pedra memorial, etc. Destacam-se, na fase atual, as que foram erguidas por ocasião dos aniversários do grande Genocídio Armênio de 24 de abril de 1915.

Por outro lado, chama nossa atenção a louvável iniciativa das autoridades da Armênia, que permitiram o deslocamento e instalação de cruzes de pedra em países amigos, como sinal de amizade, ou como manifestação de gratidão aos povos desses países. Dessas, podemos citar o *khatchkar* da praça de Içi-le-Molineaux em

Paris, ou o que se encontra diante do prédio da Embaixada da Armênia em Sófia, Bulgária.

A extensão geográfica dos *khatchkars* também abrange o Brasil. Há duas cruces de pedra instaladas nas duas entradas da estação Armênia do metrô (linha norte-sul) de São Paulo. Elas foram esculpidas pela notável escultora e desenhista Joseli Carvalho, através de uma nova aproximação artística, conceito e estilo modernos, preparadas com moldura de argila, fazendo parte de um conjunto interessante, com o aproveitamento de vidro e espelho d'água, pedra e metal, algo novo no seu gênero de apresentação. Isso simboliza o destino histórico dos armênios, seu caráter espiritual, assim como a amizade dos povos armênio e brasileiro. Esse monumento foi inaugurado em 1995, com o empenho da coletividade armênia e benfeitoria do Banco Sofisa.

Existe uma cruz de pedra no pátio da Igreja Apostólica Armênia S. João Batista, localizada no município de Osasco, instalada por ocasião do sexagésimo aniversário de sua fundação. Destaquemos que essa é a primeira igreja armênia construída no Brasil. Essa cruz também não foi construída segundo os padrões tradicionais, visto que ela é feita de bronze, fixada numa moldura.

Há, ainda, uma outra que se encontra esculpida na parede lateral da Igreja Evangélica Armênia de São Paulo, localizada na praça Armênia (ao lado da Estação Armênia do metrô). De dimensões relativamente grandes (2,5 x 3,5 m), ela é feita de pedra-sabão, pelo conhecido desenhista armeno-brasileiro Grigor Mekhitarian.

Finalizando a série de *khatchkars* no Brasil, merece destaque especial a cruz de pedra generosamente doada pelo Governo da Armênia à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em dezembro de 2002, que foi instalada à entrada do Parlamento Paulista, no Ibirapuera. Este monumento, obra de um renomado escultor contemporâneo, Grigor Paghomyan, membro da União dos Artistas e Escultores da Armênia, retrata as duas facções do povo armênio, da pátria e da Diáspora, como símbolo de gratidão do povo armênio ao grande e hospitaleiro povo brasileiro, que acolheu e hospedou, de braços abertos e fraternalmente, os armênios que aqui aportaram, fugindo das perseguições, deportação e genocídio perpetrado pelo governo Turco Otomano em 1915.

Observa-se, portanto, que, como parte inseparável da arte armênia, através do nobre e vivo caráter nacional, as cruces de pedra apresentam um elevado estilo artístico, onde sobressai a infinita manifestação da fé cristã e admiração do belo, assegurando seu lugar honroso junto aos demais tesouros artísticos mundiais.

BIBLIOGRAFIA

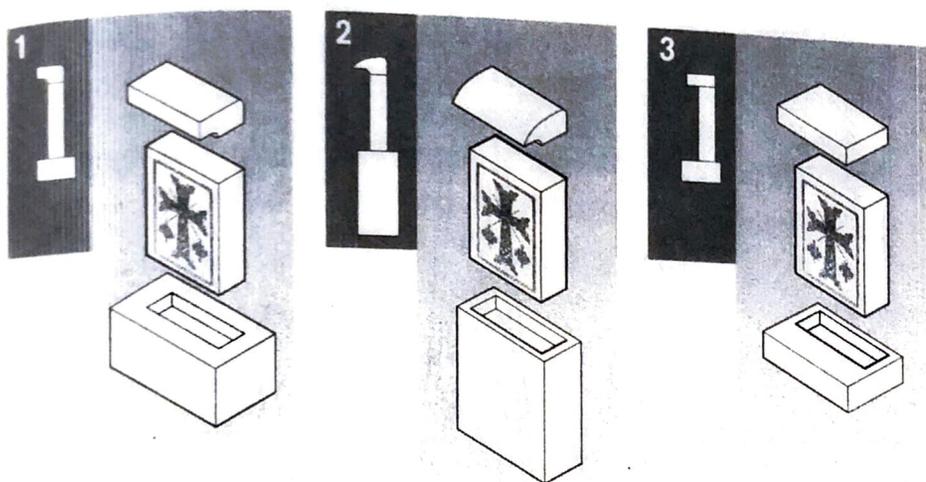
- AMBEGHIAN, Manuk. *Os Monumentos Chamados Vichap, como Esculturas da Deusa Astghik Derketo*. Yerevan, Editora Haypethrat, 1941, em armênio.
- ARNAZIAN, Argam. *Os khatchkars de Nakhidjevan*. Yerevan, Editora Huchardzan, 1996, em armênio e inglês.
- ARAKELYAN, Manuk. *A Arte Decorativa Armênia da Idade Média*. Yerevan, Editora da Academia de Ciências, 1978.
- BARKHUDARIAN, Sedrak. *Os Arquitetos e Mestres Escultores Medievais Armênios*. Yerevan, Editora da Academia de Ciências, 1963, em armênio.
- KAFADARYAN, Karo. *O Convento de Sanahin e seus Registros*. Yerevan, Editora Sovetakan Grokh, 1957, em armênio.
- LEO, *Coletânea das Obras*, volume 3. Yerevan, Editora Hayastan, 1969, em armênio.
- TER NERSESSIAN, Sirarpie. *A Arte Armênia da Idade Média*. Yerevan, Editora da Academia de Ciências, 1988, em armênio e francês.
- YAKOBSON, Anatoliy. *Os Khatchkars Armênios*. Yerevan, Editora Hayastan, 1986, em russo.
- A Arte Decorativa da Armênia Medieval* (coletânea). Leningrado, Editora Aurora, 1971, em russo.
- Os Monumentos Medievais da Armênia, os Khatchars dos Séculos 9-13* (coletânea). Yerevan, Editora da Academia de Ciências da RSSA, 1984, em armênio.
- Os Khatchkars Armênios* (coletânea). Editora da Santa Sede de Etchmiadzin, 1973, em armênio, russo e inglês.

Abstract: This article intends to present the reasons, historical background and evolution of khatchkars (stone-crosses) from pagan age to present date, as one of the most specific and authentic expressions of armenian national art.

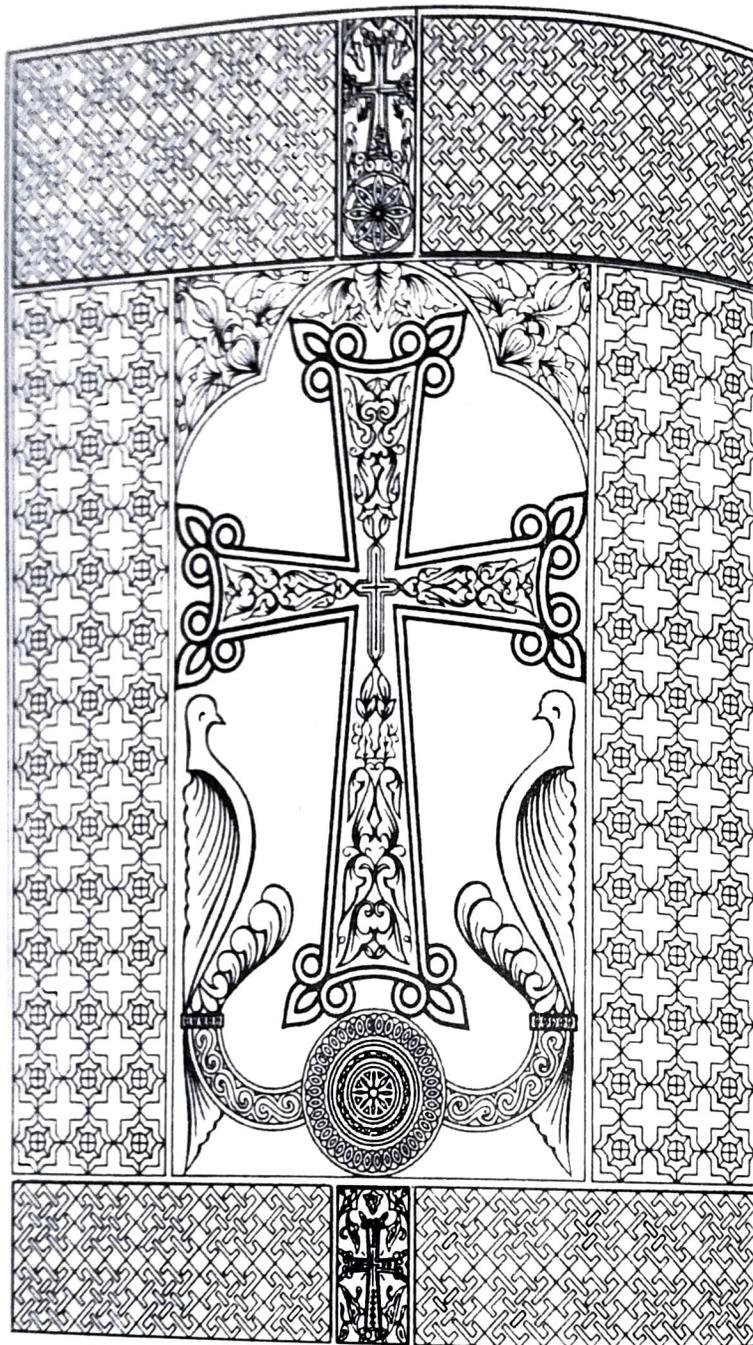
Keywords: Khatchkar, Stone-cross, Armenia, Christianity, historical monuments, Middle Age.



Grupo de *khatchkars* dos séculos IX-XI.



Maquete de montagem clássica de um *khatchkar* (desenho de Grigor Mekhitarian).



Exemplo moderno de cruz de pedra de autoria de Grigor Mekhitarian.